



Impactos Sociais na Vida de Crianças e de Adolescentes que Presenciam Violência Doméstica Contra Suas Mães

Lindamar Alves Faermann¹

Fabiana Andréia Silva²

Resumo

A discussão expressa neste artigo é resultado de estudos bibliográficos e de uma pesquisa documental realizada em uma instituição que atende crianças e adolescentes em situação de risco e de vulnerabilidade social, localizada na cidade de Tremembé, interior de São Paulo. Objetivou-se, por meio deste estudo, conhecer o perfil socioeconômico das crianças e dos adolescentes que presenciam violência doméstica contra suas mães, bem como os impactos causados em suas vidas em decorrência de tal exposição. Os resultados da pesquisa mostraram que o envolvimento direto ou indireto desses sujeitos em atos de violência interfere negativamente em seu processo de desenvolvimento social e na construção de suas identidades, provocando variadas alterações em seus comportamentos, como medo, enurese noturna, agressividade, apatia, distúrbios do sono, baixo rendimento escolar, ansiedade, timidez e tristeza.

Palavras-chave: Criança e adolescente. Violência doméstica. Impactos sociais.

SOCIAL IMPACTS ON THE LIVES OF CHILDREN AND TEENS WHO WITNESS DOMESTIC VIOLENCE AGAINST THEIR MOTHERS

Abstract

The discussion expressed in this article is the result of a Research Institution that meets documentary on children and adolescents at social risk and

¹ Assistente Social, doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. lindafermann@yahoo.com.br

² Assistente Social, especialista em Políticas Sociais e Trabalho Social com Famílias
email: fabyanandreia@yahoo.com.br

vulnerability. The objective of this study meet the impacts caused in the lives of children and young people who witness domestic violence against their mothers. The results show that such exposure interferes with the process of social development and on the identity of the subjects involved in this issue, unfolding in behavioural changes such as fear, nocturnal enuresis, aggressiveness, apathy, sleep disorders, low academic achievement, anxiety, shyness and sadness.

Keywords: Child and adolescent. Domestic violence. Social impacts.

Introdução

Este artigo é resultado de estudos bibliográficos e de uma pesquisa documental realizada em uma instituição não governamental localizada na cidade de Tremembé-SP, que oferece serviços (atendimento social e psicológico e reforço escolar) a crianças e adolescentes em situação de risco e de vulnerabilidade social³. Buscou-se, com essa pesquisa, conhecer o perfil socioeconômico de crianças e de adolescentes que presenciam violência doméstica contra suas mães, bem como os impactos causados em suas vidas em decorrência de tal exposição.

Para a coleta dos dados, utilizaram-se prontuários da instituição relativos aos atendimentos realizados pelo setor de Serviço Social. Foram analisados 825 prontuários, nos quais foram constatados 229 casos de crianças e adolescentes vítimas indiretas da violência doméstica.

A violência é um fenômeno de causalidade complexa e está diretamente vinculada ao modo de produção e reprodução das relações sociais capitalistas. É conceituada pela Organização Mundial da Saúde (2002, p.5)

³ O conceito de vulnerabilidade social origina-se na área dos direitos humanos. Refere-se a indivíduos e grupos fragilizados, jurídica ou politicamente, na promoção, proteção ou garantia de seus direitos sociais. No âmbito da política nacional de assistência social, diz respeito a “famílias e indivíduos com perda ou fragilidade de vínculos de afetividade, pertencimento e sociabilidade; ciclos de vida; identidades estigmatizadas em termos étnico, cultural e sexual; desvantagem pessoal resultante de deficiências; exclusão pela pobreza e, ou, no acesso às demais políticas públicas; uso de substâncias psicoativas; diferentes formas de violência advinda do núcleo familiar, grupos e indivíduos; inserção precária ou não inserção no mercado de trabalho formal e informal; estratégias e alternativas diferenciadas de sobrevivência que podem representar risco pessoal e social” (PNAS, 2004, p.27).

como o uso intencional da força física ou do poder, “em ameaça ou real, contra si próprio, outra pessoa, contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha probabilidade de resultar em injúria, morte, dano psicológico, privação ou prejuízos no desenvolvimento”.

Os estudos sobre a temática mostram que a violência pode ser direcionada para si mesmo (violência autoinfligida), pode ocorrer no contexto macro-social (violência coletiva) ou também nas relações interpessoais (violência comunitária e doméstica), evidenciando que todas as modalidades têm sua base na violência estrutural, isso é, nos

[...]processos sociais, políticos e econômicos que reproduzem e cronificam a fome, a miséria e as desigualdades sociais, de gênero, de etnia e mantêm o domínio adultocêntrico sobre crianças e adolescentes. Difícil de ser quantificado, aparentemente, sem sujeitos, a violência estrutural se perpetua nos processos históricos, se repete e se naturaliza na cultura e é responsável por privilégios e formas de dominação (MINAYO, 2005, p. 24).

A violência doméstica se expressa nas formas de agressão física, negligência, abuso sexual e psicológico, constituindo-se num mecanismo de comunicação e de prática entre os membros familiares, e quando em uma família constata-se um tipo de abuso com frequência, ali existe uma dinâmica que revela diferentes modos de violência.

A violência no contexto familiar ocorre entre relações hierárquicas e intergeracionais, como resultado de processos sociais de opressão ou modos equivocados de se relacionar, de resolver conflitos ou de educar. Embora majoritariamente exercida sobre mulheres, atinge também, direta e/ou indiretamente, crianças e adolescentes.

De modo geral, as pesquisas sobre violência doméstica focam na discussão de gênero, provavelmente em decorrência da magnitude do problema e da sua disseminação em diversos países e culturas. Alvo principal dos estudos sobre violência intrafamiliar, a mulher tem sido reconhecida como uma das vítimas centrais. Estudos comprovam que a sua vitimização reflete a

opressão existente na sociedade de classes, alertando questões econômicas, sociais, culturais e de gênero fundamentais na sua emergência e na sua reprodução.

Embora a integração da análise de gênero seja um aspecto fundamental nos estudos sobre violência – sendo considerado, inclusive, por órgãos como a Organização das Nações Unidas e a Organização Mundial da Saúde, para identificar os fatores de riscos que envolvem a mulher e as políticas de prevenção – avalia-se a necessidade de ampliar esse debate, uma vez que a violência doméstica não se restringe à questão de gênero, nem tampouco atinge um único membro familiar. Nesse contexto, milhares de crianças e de adolescentes tornam-se vítimas diretas de agressões e maus-tratos, ou ainda, permanecem na condição de vítimas indiretas ao presenciarem a violência doméstica contra suas mães.

A violência testemunhada por crianças e adolescentes no âmbito doméstico é uma temática pouco explorada no Brasil. Na revisão de literatura, encontrou-se maior número de estudos em Portugal. Conforme levantamento do Comitê Econômico e Social Europeu de 2006, em metade dos casos de violência doméstica contra mulheres as crianças e adolescentes assistem às cenas de agressão.

Trata-se de um assunto relevante, que exige debates e pesquisas que subsidiem a implementação de ações e de políticas de atenção e de enfrentamento dessa problemática, em decorrência dos prejuízos causados à saúde física e emocional das crianças e dos adolescentes envolvidos nessas situações. A convivência com situações de violência no ambiente doméstico fragiliza as identidades dos que delas participam, o que interfere no seu desenvolvimento social e altera seus comportamentos. Segundo Day *et al.* (2003), os danos a essa exposição podem ser imediatos ou tardios. Os imediatos caracterizam-se por

[...] pesadelos repetitivos; ansiedade, raiva; culpa, vergonha; medo do agressor e de pessoa do mesmo sexo; quadros fóbico-ansiosos e depressivos agudos; queixas

psicossomáticas; isolamento social e sentimentos de estigmatização (DAY *et al.*, 2003, p.14).

Já os danos tardios, segundo essa autora, se expressam da seguinte forma:

[...] aumento significativo na incidência de transtornos psiquiátricos; ideação suicida e fobias mais agudas; níveis intensos de ansiedade, medo, depressão, isolamento, raiva, hostilidade e culpa; cognição distorcida, tais como sensação crônica de perigo e confusão, pensamento ilógico, imagens distorcidas do mundo e dificuldade de perceber a realidade; redução na compreensão de papéis complexos e dificuldade para resolver problemas interpessoais (DAY *et al.*, 2003, p.14).

Embora nesses casos as crianças e os adolescentes não sejam alvos diretos dos agressores são, frequentemente, envolvidos na violência, o que compromete o seu desenvolvimento. Esse envolvimento caracteriza-se, também, como uma expressão da violência, denominada violência psicológica, isto é, “toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa” (SILVA *et al.*, 2007, p.96).

Os estudos revelam que as consequências dessa experiência na vida das crianças e dos adolescentes são desastrosas, pois elas aprendem e reproduzem as situações vivenciadas. Sendo a família o grupo primário de contato social, as relações estabelecidas nesse *lôcus* contribuem para a formação de repertórios comportamentais, ou seja, para diferentes formas de agir face à realidade e ao conjunto de aprendizagens adquiridas no processo da vida. Para Lopes (2003), a gênese do repertório comportamental está nas contingências as quais a pessoa foi e/ou é exposta e, por esse motivo, está em constante mudança.

Testemunhar a violência doméstica deixa marcas na vida das crianças e dos adolescentes e, lamentavelmente, seus impactos, muitas vezes, são subestimados e até mesmo banalizados pelo Estado e pela sociedade.

É, portanto, nos rumos da reflexão aduzida que este texto se inscreve. Para a sua construção, utilizou-se a pesquisa documental e bibliográfica, a qual, segundo Marconi e Lakatos (2007), são modalidades de pesquisa muito

próximas. A diferença da pesquisa documental para a bibliográfica está na natureza das fontes primárias, valendo-se a primeira de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que, ainda, podem ser reelaborados conforme o objeto de pesquisa. Os documentos primários podem ser obtidos em instituições, arquivos, sindicatos, instituições etc.

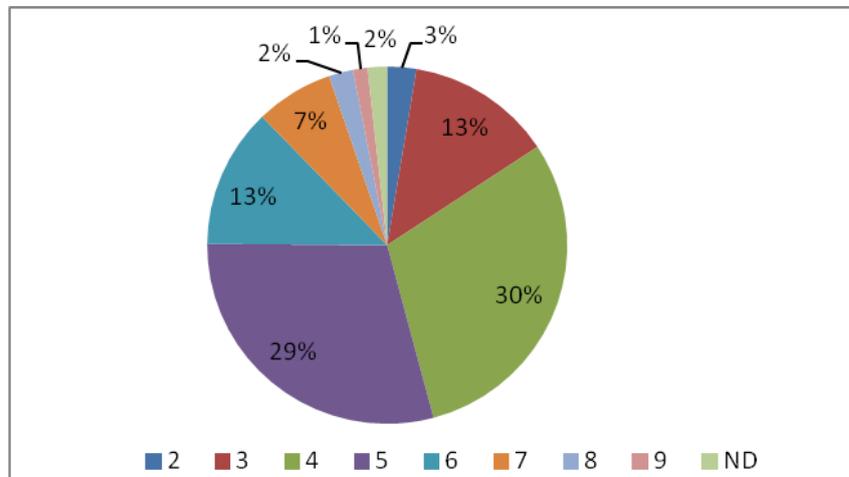
Os documentos constituem-se em uma fonte poderosa de informação, cujos conteúdos podem oferecer evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto (LUDKE, 1986, p.39).

Ressalta-se que o artigo foi desenvolvido por meio de dois eixos de reflexão: o primeiro é constituído por uma exposição e uma análise sobre o perfil socioeconômico das crianças e adolescentes que presenciam violência doméstica. O segundo eixo evidencia, por meio do levantamento realizado, as alterações comportamentais apresentadas por essas crianças e adolescentes.

Retratos de uma realidade

Conhecer o perfil socioeconômico das crianças e dos adolescentes que presenciam violência doméstica contra suas mães se mostrou elemento fundamental para a apreensão de suas condições de vida. Desse modo, os dados e as informações coletadas a partir da pesquisa documental são aqui representados mediante alguns gráficos que possibilitam conhecer aspectos que compõem e retratam a realidade social desses sujeitos.

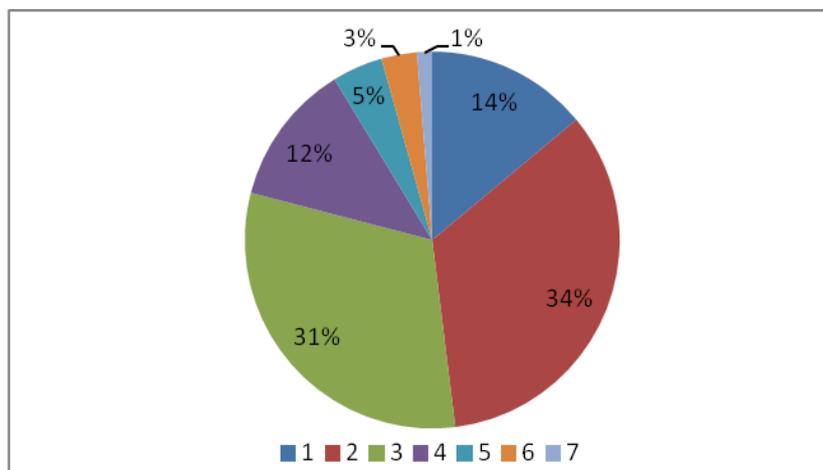
Gráfico 1 - Composição familiar



Fonte: pesquisa documental/ gráfico elaborado pelas autoras

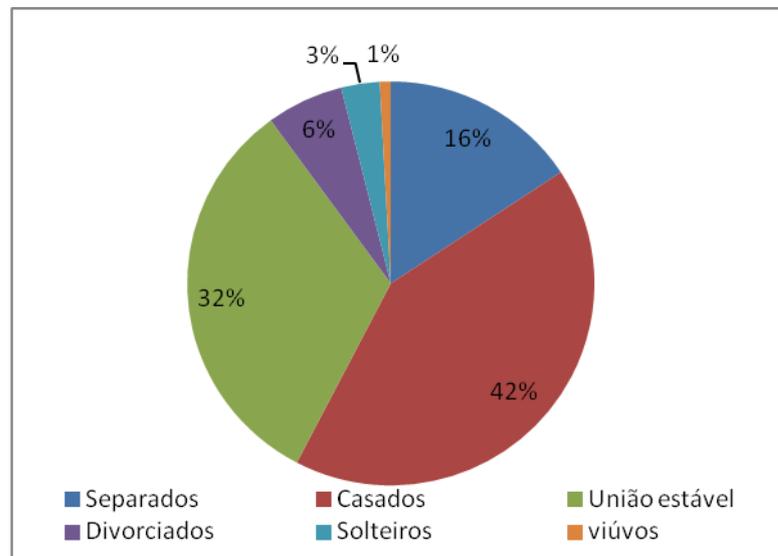
O gráfico aponta que um número significativo de famílias das crianças e dos adolescentes que presenciam violência doméstica são formadas por quatro a cinco integrantes, compondo os parâmetros da média nacional indicada pelo Instituto brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Conforme dados de 2010, segundo o IBGE, o número médio de integrantes familiares no Brasil caiu de 3,4 em 1999, para 3,1. A queda na taxa de fecundidade vem ocorrendo em todas as regiões brasileiras e nos diferentes grupos sociais, independentemente da classe social a qual o indivíduo pertence.

Gráfico 2- Número de filhos por família



Fonte: pesquisa documental/ gráfico elaborado pelas autoras

Conforme evidencia o gráfico 2, 31% dos pais e/ou responsáveis pelas crianças e adolescentes têm três filhos, 14%, apenas um, 12% têm quatro filhos, 5%, cinco filhos, 3% têm seis filhos e, por último, 1% dos casais têm sete filhos. Verifica-se que as famílias estão menos numerosas em decorrência da queda na taxa de fecundidade. Ressalta-se que a queda na taxa de fecundidade apresenta fatores sociais, biológicos, culturais, econômicos, ambientais e políticos. A maior participação das mulheres no mercado de trabalho também contribui para essa diminuição.

Gráfico 3 - Estado civil dos pais-responsáveis

Fonte: pesquisa documental/ gráfico elaborado pelas autoras

Constata-se, a partir da leitura do gráfico 3, que 42% dos pais e/ou responsáveis de crianças e adolescentes que presenciam violência são casados. Enquanto 32% mantêm união estável, 16% são separados, 6%, divorciados, 3% são solteiros e 1%, viúvos.

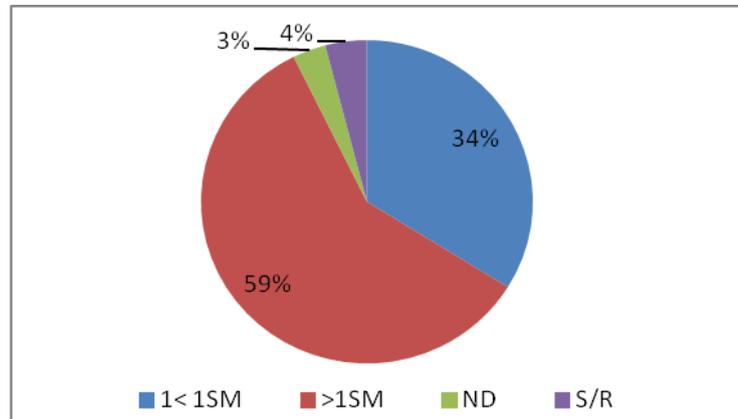
Esses dados revelam que a maioria das mulheres que sofrem violência doméstica por parte de seus companheiros mantêm com esses uma relação afetiva estável, ou seja, são casadas ou encontram-se em união estável⁴.

Apesar dos índices de violência doméstica contra a mulher no Brasil não serem fidedignos, dada a omissão na prática da denúncia, os estudos demonstram que a maioria das vítimas são negras, têm filhos, são casadas ou convivem com seus parceiros. Informação corroborada pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (2011), que afirma que 57,9% das mulheres vítimas de violência doméstica são casadas, alertando, ainda, para o fato de

⁴ A união estável é reconhecida como entidade familiar entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família (CÓDIGO CIVIL, 2002, Art. 1.723).

que “68,1% dos filhos presenciam a violência e 16,2% sofrem violência junto com a mãe”.

Gráfico 4 - Renda familiar

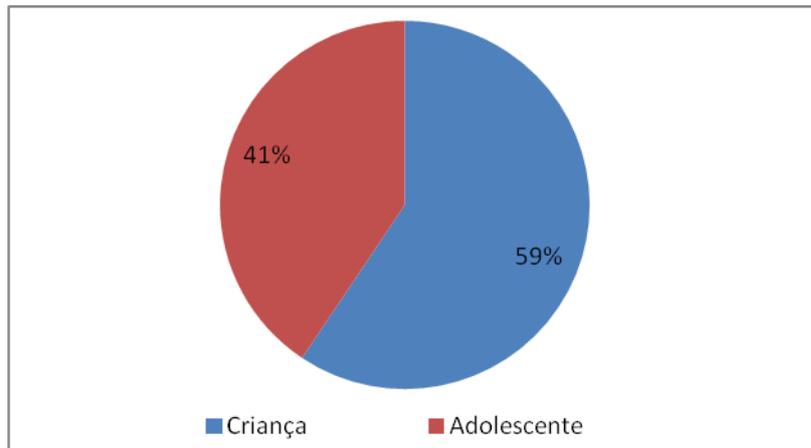


Fonte: pesquisa documental/ gráfico elaborado pelas autoras

Observa-se no gráfico acima que 59% das famílias apresentam renda superior a um salário mínimo, 34% possuem renda abaixo desse percentual, 4% informaram não possuir renda e 3% não responderam. Com efeito, constata-se que um número significativo de famílias vive em situação de pobreza, não tendo, portanto, condições mínimas de sobrevivência e tampouco acesso aos seus direitos sociais. A esse respeito, Gomes e Pereira (2005, p. 357) assinalam que a gravidade do quadro de pobreza e de miséria, no Brasil, “constitui permanentemente preocupação e obriga a refletir sobre as suas influências no social e, principalmente, na área de atuação junto da família, na qual as políticas públicas ainda se ressentem de uma ação mais expressiva”.

Apesar de a violência doméstica atingir todas as classes sociais, é notório que a classe trabalhadora e pobre está mais vulnerável à sua ocorrência e às suas consequências.

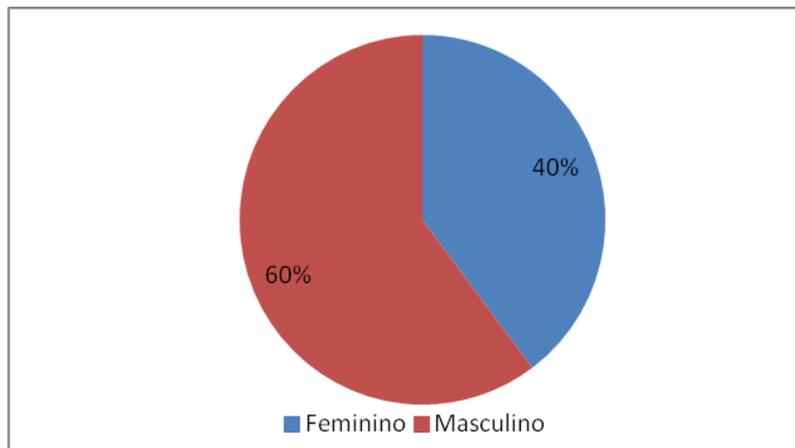
Gráfico 5 – Percentual de crianças e de adolescentes



Fonte: pesquisa documental/ gráfico elaborado pelas autoras

O gráfico demonstra que há um número mais expressivo de crianças que presenciam violência doméstica contra suas mães. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990, art 2º), considera-se criança toda pessoa com idade até doze anos incompletos e adolescente aqueles com idade entre doze e dezoito anos incompletos. A partir desse indicativo, constatou-se, nos prontuários, 136 casos de crianças e 93 de adolescentes.

Gráfico 6 - Sexo das crianças e adolescentes



Fonte: pesquisa documental/ gráfico elaborado pelas autoras

De acordo com o gráfico, 60% dos casos de crianças e de adolescentes que presenciam violência doméstica são do sexo masculino, enquanto 40% são

do sexo feminino. Estudos revelam que existem diferenças nas manifestações comportamentais das crianças e adolescentes de sexos diferentes. Os meninos tendem a apresentar queixas externalizadas e as meninas, queixas internalizadas.

Os comportamentos de externalização referem-se a sintomas cujos problemas estão, sobretudo, centrados na relação com o outro (e.g., agressão; impulsividade). Os comportamentos de internalização referem-se a sintomas em que os problemas estão centrados na própria criança (e.g. depressão, ansiedade) (COUTINHO; SANI, 2005, p. 191 *apud* GONÇALVES, SIMÕES, 2001).

Discutindo as diferentes formas de reação à exposição à violência entre os gêneros, Caprichoso (2010) observa que,

No que respeita à variável mediadora gênero, tanto os rapazes como as raparigas evidenciam problemas comportamentais relacionados com a exposição à violência interparental. Encontram-se diferenças no que respeita à expressão da agressividade entre rapazes e raparigas, os rapazes tendem a serem mais agressivos, envolvendo-se por vezes em conflitos onde se servem da força física, as raparigas, apesar de menos agressivas, manifestam de modo indirecto a agressividade, expressando, por exemplo, verbalmente a sua hostilidade (CAPRICHOSO, 2010, p.23).

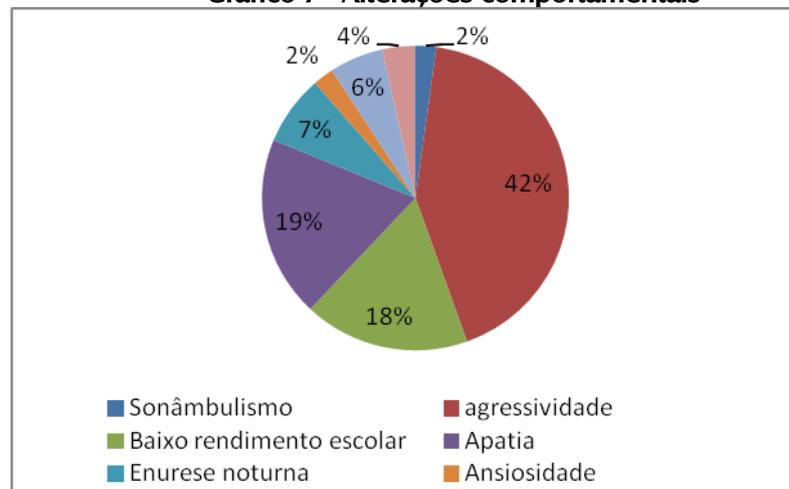
Observa-se, de modo geral, que as crianças e os adolescentes do sexo masculino apresentam condutas agressivas e impulsivas. Eles tendem a reproduzir o que vivenciam em casa, como a desvalorização da mulher, o machismo e a relação de poder, enquanto as meninas tendem a proteger seus irmãos mais novos durante a presença de atos violentos.

Alterações comportamentais apresentadas por crianças e adolescentes que presenciam violência doméstica: reflexos em suas identidades e em seus processos de socialização

Neste item, são evidenciadas as alterações comportamentais apresentadas por crianças e adolescentes expostas à violência doméstica. Os efeitos dessa realidade são nocivos para as vidas daqueles que convivem com situações dessa natureza. Além de fragilidade emocional, pode-se gerar passividade, medo e inibição, além de o indivíduo ficar impedido de se expressar naturalmente, tornando-se mais frágil.

Invariavelmente, crianças e adolescentes que crescem em ambientes violentos sofrem com essa realidade. Seja na forma física, verbal ou psicológica, a violência entre casais é um excesso, visto que está além das capacidades de absorção e de entendimento das crianças e adolescentes, desdobrando-se em traumas e em mais violência. Esse processo influencia negativamente na construção de suas identidades, levando a uma desorganização quanto aos sentimentos e atitudes, o que pode comprometer sua sociabilidade e sua aprendizagem.

Gráfico 7 - Alterações comportamentais



Fonte: pesquisa documental/gráfico elaborado pelas autoras

Dos 229 crianças e adolescentes que presenciam violência contra as mães, 42% apresentam agressividade, 19% apatia, 18% baixo rendimento escolar, 7% enurese noturna, 6% timidez exacerbada, 4% tristeza aparente e 2% sonambulismo e ansiedade. São alterações comportamentais que

dificultam a sua socialização e extrapolam as barreiras familiares, refletindo nas suas relações sociais.

Segundo a literatura estudada, o alto índice de agressividade de crianças e adolescentes decorre da sua exposição à violência no espaço doméstico. A perpetuação do fenômeno tem relação com a transmissão intergeracional. É a cultura da violência propagada de geração em geração. Muitos passam a reproduzi-la por identificação ou mimetismo, agindo de forma semelhante com as pessoas de seu entorno. Dessa forma, as crianças e os adolescentes aprendem, por meio dos modelos de referência, que a violência é aceitável e, muitas vezes, guardam para si suas emoções - a violência doméstica também é secreta para eles.

Os adolescentes tornam-se, assim, transmissores culturais dessa conduta, que gera para si mesmos, conflitos interpessoais, baixa auto-estima, frustrações e risco de ser tanto agressor quanto vítima, com a possibilidade de perpetuar a violência intergeracional (BALISTA *et al.*, 2004, p.02).

Portanto, ainda que de modo inconsciente, muitas crianças e adolescentes buscam alternativas para lidar com essa realidade, e a agressividade torna-se um meio de expressão em relação ao quadro vivenciado. Pesquisas apontam que há uma tendência a atitudes mais violentas entre crianças e adolescentes envolvidos em situações de violência. Em um estudo comparativo, Balista (2004) registra maior propensão à agressividade nesses casos, ressaltando que a sujeição à violência interparental provoca baixo rendimento escolar, distúrbios físicos e emocionais, como apatia, ansiedade e tristeza.

O facto de se sentirem tristes, ansiosas, preocupadas as poderá levar a adquirir estratégias agressivas nas suas relações interpessoais, o que por sua vez não favorecerá a sua popularidade, podendo daqui advir, em casos mais extremos, um sentimento de rejeição (CAPRICHOSO, 2010, p.18).

Crianças e adolescentes que vivem em contextos de violência apresentam, frequentemente, dificuldades pessoais e interpessoais. É comum demonstrarem ansiedade e medo. Podem, ainda, surgir distúrbios de aprendizagem e de comportamento, como baixo rendimento escolar, falta de atenção, irritabilidade e agressividade com os colegas.

Segundo observa Kitzmann (2011), os problemas constatados em crianças e adolescentes que presenciam violência doméstica são semelhantes aos de crianças e adolescentes que sofreram ou sofrem abuso físico. Para a autora,

[...] testemunhar violência doméstica pode aterrorizar as crianças e perturbar significativamente sua socialização, alguns especialistas passaram a considerar a exposição à violência doméstica como uma forma de maus-tratos psicológicos (KITZMANN, 2011, p.01).

Desse modo, são vítimas permanentes da violência direta ou indireta. Conforme Maldonado e Williams (2005), a agressão direta é caracterizada quando os sujeitos são os próprios alvos e a indireta se caracteriza quando os sujeitos presenciam cenas de violência entre os pais e/ou membros familiares. Ambas as formas de agressão são prejudiciais à sua saúde.

O impacto da exposição à violência interparental pode traduzir-se em reações de externalização como hiperatividade, agressividade, irritabilidade, desobediência, hostilidade e também em reações de internalização como depressão, ansiedade, isolamento social, baixa autoestima e outras queixas somáticas, apresentando uma variedade de sintomas físicos e psicológicos. A esse respeito, Caprichoso (2010) ressalta que

Ainda sobre o domínio emocional, sabe-se que as crianças expostas à violência interparental experienciam uma série de sentimentos, nomeadamente sentimentos de perda, raiva, tristeza, confusão, medo, insegurança, vergonha, ódio, angústia, ansiedade podendo mesmo resultar em quadros de depressão (CAPRICHOSO, 2010, p.16).

De acordo com essa autora, os sintomas mais comuns da exposição de crianças e adolescentes à violência interpaparental são: problemas do sono, distúrbios de alimentação, exigência e sensibilidade excessiva (choros constantes).

No período da adolescência, a exposição a essa situação pode levá-los ao envolvimento com comportamentos aditivos ou compulsivos, como o abuso de substâncias entorpecentes.

As compulsões, comportamentos compulsivos ou aditivos são hábitos aprendidos e seguidos por alguma gratificação emocional, normalmente um alívio de ansiedade e/ou angústia. São hábitos mal adaptativos que já foram executados inúmeras vezes e acontecem quase automaticamente (BALLONE, 2008, p.01).

Apesar de não haver uma causa definitiva e exclusiva para a ocorrência de comportamentos aditivos, os estudos afirmam que eles podem estar associados a vulnerabilidades e predisposições relacionadas a vivências do passado. O uso de entorpecentes para o enfrentamento das situações cotidianas difíceis – muitas vezes insuportáveis – pode servir de fuga para uma realidade violenta, levando à dependência química.

[...] esses comportamentos compulsivos são mal adaptativos porque, apesar do objetivo que têm de proporcionar algum alívio de tensões emocionais, normalmente não se adaptam ao bem estar mental pleno, ao conforto físico e à adaptação social (BALLONE, 2008, p.01).

Comportamentos aditivos ou compulsivos gerados no processo de enfrentamento de realidades violentas provocam consequências negativas na vida dos sujeitos. Esses comportamentos são potencializados quando manifestos no período da adolescência. Portanto, o convívio de crianças e adolescentes em ambientes familiares violentos ultrapassa as barreiras do testemunho e repercute em suas histórias, identidades e memórias. Assim, a violência doméstica ocorre em um processo contínuo, afetando a todos os membros da família.

Considerações finais

O estudo revelou que a exposição de crianças e de adolescentes à violência doméstica afeta a sua saúde física e mental, causando danos irreversíveis.

Dentre o grupo pesquisado, constataram-se comportamentos agressivos, apatia, baixo rendimento escolar, enurese noturna, timidez exacerbada, tristeza aparente, sonambulismo e ansiedade, os quais podem estar vinculados à sua exposição à violência intrafamiliar. São consequências que atingem não apenas a esfera biológica, mas a emocional e a social das crianças e adolescentes envolvidos em situações dessa natureza, e dificultam sua socialização, refletindo em suas relações sociais. Portanto, trata-se de uma questão de relevância pública a ser enfrentada socialmente, devendo ser incluída nas diversas políticas sociais.

No tocante ao perfil socioeconômico das famílias das crianças e dos adolescentes que presenciam violência doméstica, constatou-se uma realidade alarmante, ou seja, há um expressivo número de famílias em situação de pobreza. 34% do universo pesquisado possuem rendimentos abaixo de um salário mínimo. Trata-se de famílias formadas por quatro a cinco membros, 31% dos casais tem três filhos e 42% dos pais e/ou responsáveis são casados, ao passo que 32% mantêm união estável.

A família tem um papel fundamental no desenvolvimento dos seus membros, em especial das crianças e dos adolescentes, porém é preciso considerar as condições em que vivem, cabendo ao Estado atender as necessidades dos sujeitos que vivenciam situações de vulnerabilidades no seio familiar.

Nesse contexto, há que se ter clara a multiplicidade de relações familiares presentes na sociedade, suas histórias, suas particularidades, seus códigos morais e suas linguagens. Portanto, contrariando a noção de família como abstração estática, ordem natural ou divina, concebe-se a família como

construção social – instituição histórica, dinâmica e viva – que se transforma ao se transformarem as relações presentes na sociedade. Assim,

(...) a família, nas suas mais diversas configurações constitui-se como um espaço altamente complexo. É construída e reconstruída histórica e cotidianamente, através das relações e negociações que estabelece entre seus membros, entre seus membros e outras esferas da sociedade e entre ela e outras esferas da sociedade, tais como Estado, trabalho e mercado. Reconhece-se também que além de sua capacidade de produção de subjetividades, ela também é uma unidade de cuidado e de redistribuição interna de recursos. Portanto, ela não é apenas uma construção privada, mas também pública e tem um papel importante na estruturação da sociedade em seus aspectos sociais, políticos e econômicos (MIOTO, 2010, p. 167-168).

Diante do exposto, é urgente a implementação de ações e de políticas públicas de atendimento a crianças e adolescentes sujeitos a processos de opressão e de violência. Tais ações devem buscar o enfrentamento e a superação da condição de pobreza e de risco que as famílias vivenciam, promovendo a proteção de seus membros. Igualmente, é preciso ampliar as pesquisas, as produções e os debates acerca da temática abordada. Por ser a violência doméstica um fenômeno multicausal e multifacetário, não pode ser tratada de modo isolado, devendo ser apreendida em suas múltiplas dimensões.

Referências

BALISTA, Carolina, BASSO, Emiliana; COCCO, Marta; GEIB, Lorena T. C. Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. V. 06, n. 03, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/836/985>>. Acesso em: 07 jun. 2011.

BALLONE, Geraldo. **Comportamentos compulsivos**. 2008. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/n15/diseases/compulsive.html#Causas>>. Acesso em: 25 set. 2011.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990.

BRASIL. Secretaria de Políticas para mulheres. **Central de Atendimento à Mulher registra quase 2 milhões de atendimentos**. 2011. Disponível em:

<http://www.sepm.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2011/08/central-de-atendimento-a-mulher-registra-quase-2-milhoes-de-atendimentos>. Acesso em: 09 ago. 2011.

CAPRICHOSO, Daniela Raquel de Oliveira. **Percepção de crianças expostas à violência interpaparental**. 2010. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Jurídica) Universidade de Fernando Pessoa. 2010. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1638/2/DM_15270.pdf> Acesso em: 10 ago. 2011.

CESE. Comitê Econômico e Social Europeu. Crianças – vítimas indirectas de violência doméstica. **Parecer**. 2006. Disponível em: <<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2006:325:0060:0064:PT:PDF>>. Acesso em: 20 ago.2011.

COUTINHO, Maria José; SANI, Ana Isabel. **A experiência de vitimação de crianças acolhidas em casa de abrigo**. 2005. Disponível em: <<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/910/2/188-201.pdf>> Acesso em: 03 set. 2011.

DAY, Vivian Peres; TELLES, Lisieux Elaine de Borba; ZORATTO, Pedro Henrique; AZAMBUJA, Maria Regina Fay de; MACHADO, Denise Arlete; SILVEIRA, Marisa Braz *et al.* Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de Psiquiatria**, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1>>. Acesso em: 03 abr. 2011.
DURAND, Julia Garcia; SCHRAIDER, Lilia Blema; FRANÇA-JUNIOR, Ivan; BARROS, Claudia. Repercussão da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo: USP, 2011.

GOMES, Mônica Araujo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Revista ciência e saúde coletiva**. n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a13v10n2.pdf> >. Acesso em: 28 set. 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese Indicadores sociais 2010**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS_2010.pdf> Acesso em: 09 jun. 2011.

KITZMANN, Katherine M. Violência doméstica e seu impacto sobre o desenvolvimento social e emocional de crianças pequenas. **Enciclopédia sobre o desenvolvimento na Primeira Infância**. Universidade de Memphis dos EUA. 2011. Disponível em: <<http://www.encyclopedia-crianca.com/documents/KitzmannPRTxp1.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MALDONADO, Daniela Patrícia Ado; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. **Psicologia em Estudo**. Maringá, PR, v.10, n.3, p.353-362, set/dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a02.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde; 2005. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

MIOTO, Regina Célia. Revista Serviço Social Londrina, v. 12, n.2, Jan./Jun. 2010, p. 163-164 176.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS) Relatório mundial sobre violência e saúde. Brasília: OMS/OPAS, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a Técnica de Gravador no registro da Informação Viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, v.7, 1991.

ROSAS, Fabiane Klazura; CIONEK, Maria Inês Gonçalves Dias. O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem. **Conhecimento Interativo**. São José dos Pinhais, PR, 2006. Disponível em: <<http://www.mp.rs.gov.br/areas/infancia/arquivos/impacto.pdf>>. Acesso em: 03 de abr. 2011.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface**. Florianópolis, SC, v.11, n.21, p.93-103, jan/abr 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v11n21/v11n21a09.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2011.